

revista pilotis



Rede Jesuíta
de Educação

Revista Pilotis # 30 - agosto de 2016

Produção interna dos alunos e educadores
do Colégio São Luís



QUE ESCOLA É ESTA QUE QUEREMOS?

PROJETO EDUCATIVO COMUM, LANÇADO EM
AGOSTO, ORIENTA COLÉGIOS DA REDE JESUÍTA
DE EDUCAÇÃO NA REVISÃO DE SEUS CURRÍCULOS

DEBATE

A importância
do brincar

ANTIGO ALUNO

A promotora
Sílvia Chakian

TEATRO

10 anos de
Conexões

A blue-tinted photograph of children sitting around a table, focused on drawing. They are using markers and pencils on large sheets of paper. The drawings include various elements like houses, trees, and abstract shapes. The overall atmosphere is one of collaborative learning and creativity.

UMA MISSÃO RESUMIDA EM

5 Cês

O CONCEITO DE FORMAÇÃO INTEGRAL PARA O COLÉGIO SÃO LUÍS
ALIA O DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO AO HUMANO. ELE PODE SER
RESUMIDO EM CINCO CARACTERÍSTICAS, INICIADAS PELA **LETRA C.**

Colégio São Luís, excelência na educação de pessoas:



criativas

Não se acomodam e têm um espírito inovador. Com sensibilidade, buscam deixar sua marca no mundo.



compassivas

Têm a capacidade de sentir e de se comprometer com o sofrimento do próximo. Isso é mais que empatia. É solidariedade.



comprometidas

Empenham-se honestamente, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países.



conscientes

Olham para dentro de si, buscando o autoconhecimento, assim como percebem e interpretam a sociedade e seus desequilíbrios.



competentes

Com o conhecimento recebido, estão preparadas para acompanhar as mudanças atuais e os avanços da tecnologia e da ciência.



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuita
de Educação





Apresento a revista *Pilotis* número 30, que traz uma questão fundamental na capa: afinal, que escola é esta que queremos? Nos meus mais de 40 anos de serviço na Companhia de Jesus, essa pergunta surgiu uma e outra vez, como resposta à necessidade de dialogar com a sociedade, de ler os sinais dos tempos e, sempre que preciso, de atualizar a tradição educativa jesuíta.

Nos últimos dois anos, porém, com a constituição da Rede Jesuíta de Educação, que reuniu as 18 escolas jesuítas brasileiras num trabalho em cooperação, passamos a refletir profundamente sobre o que é essencial e, portanto, diferencial na educação jesuíta. Desse processo surgiu o Projeto Educativo Comum, ou PEC, lançado agora em agosto, e tema da principal reportagem desta edição. Sugiro que a leiam, assim como que dediquem um tempo para observar o PEC na íntegra*. Recomendo também a leitura das matérias “Sejamos políticos!” e “Eles sobreviveram para contar a História”, entre outros artigos desta edição, que ilustram o trabalho que temos realizado, buscando aliar conteúdos acadêmicos à formação em valores.

Já mencionei em outras ocasiões como me sinto desafiada à frente deste colégio, que pulsa numa cidade como São Paulo e forma pessoas dispostas a trabalhar por uma sociedade melhor. Entendo que a tradição pela qual somos reconhecidos é uma tradição viva, que requer diálogo para dar a melhor resposta ao desafio de cada tempo. Porém, como nos disse o padre José Alberto Mesa, Secretário Mundial da Companhia de Jesus, tradição não é garantia de sucesso, por isso não medimos esforços para qualificar o nosso trabalho.

Agradecemos a confiança e a participação nessa fase de renovação.

Boa leitura!

Prof.ª Sônia M. V. Magalhães
Diretora-Geral do Colégio São Luís

* no Bate-papo Humanístico previsto para o dia 22 de outubro, conversaremos com mais detalhe sobre esse assunto.



DIREÇÃO-GERAL

Prof.ª Sônia M. V. Magalhães

DIREÇÃO

Pe. Geraldo Lacerdine, SJ - Diretor da Humanística

Irineu Villares - Diretor Administrativo

Dulcineia Alves - Diretora Acadêmica

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Maria Sigaud - Gerente de
Comunicação e Marketing

EDIÇÃO/JORNALISTA RESPONSÁVEL

Camila Antunes (MTB 42718-SP)

DECOM - Depto. de Comunicação

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

André Cantarino - DECOM

FOTOS

Maria Bonfim - DECOM

Maria Tuca Fanchin

Acervo CSL

REVISÃO

Departamento de Publicações

REPORTAGEM

Carina Diniz - DECOM

Sueli Marciale - Coordenadora Pedagógica

Tuna Serzedello - Humanística

Paulo Panzeri - Humanística

Laurindo Cisotto - Orientador Educacional

Antonio de Pádua - Professor

Silvia Chakian - Antiga aluna

COLABORAÇÃO

Reinaldo Rodrigues - Programador Web

Ana Paula Ferreira - Estagiária DECOM



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação

Rua Haddock Lobo, 400 - Cerqueira César

CEP 01414-902 / São Paulo, SP

Tel.: 11 3138 9600 / www.saoluis.org

*A Revista Pilotis é uma publicação
interna do Colégio São Luís.*



20

CSL COMPROMETIDO

Que escola é esta que queremos?



18

CSL CRIATIVO

10 anos de Conexões



14

CSL CONSCIENTE

Sejamos políticos!

CSL CRIATIVO

- 4 A importância do brincar
- 24 Trocando as bolas
- 27 Viva a nossa cultura junina
- 38 Jovem cientista

CSL CONSCIENTE

- 12 Eles sobreviveram para contar a História
- 44 O que circula pelo *WhatsApp*

CSL COMPROMETIDO

- 28 Escola como locus de formação docente
- 30 Em defesa das mulheres

CSL COMPETENTE

- 36 Trabalhar para transformar
- 40 Anotações de viagem
- 42 Ficou sabendo?

CSL COMPASSIVO

- 34 Meninas empoderadas

OLHA SÓ!

Nesta edição, identificamos as reportagens pela característica mais forte trabalhada na atividade em pauta. Assim, mostramos na prática a missão do Colégio São Luís: excelência na educação de pessoas criativas, compassivas, comprometidas, conscientes e competentes.



NA WEB

Todas as edições da Revista Pilotis estão disponíveis na área de publicações do site www.saoluis.org

CSL COMPETENTE

Por dentro do novo período integral

8



A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

COLÉGIO SÃO LUÍS PROMOVE EVENTOS PARA VALORIZAR
E PROMOVER A BRINCADEIRA EM FAMÍLIA

POR CAMILA ANTUNES,
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
FOTOS MARIA BONFIM



A rotina atribulada reduz o tempo de convivência da família, a falta de segurança faz com que passemos muito tempo confinados e a tecnologia rouba a nossa atenção em todos os lugares e momentos. Essa conjunção de fatores tem feito com que a brincadeira perca espaço na rotina das crianças – e é preciso olhar para esse fenômeno com atenção.

De acordo com um levantamento do Museu das Crianças de Minnesota, nos Estados Unidos, 82% dos pais acham que seus filhos brincam menos do que eles próprios quando eram crianças. No Brasil, possivelmente, essa enquete encontraria resposta semelhante, uma vez que as crianças brasileiras passam, em média, 5h35m por dia em frente à TV (Ibope, 2014) e 2h42m conectadas à internet (Ibope, 2012). Em comparação, o tempo ao ar livre não passa de 1 hora para 46% das crianças que vivem em grandes centros urbanos (pesquisa da Unilever/Valor do Brincar Livre).

Estudo realizado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV), dedicada à promoção da primeira infância, mostrou que o brincar foi pouco valorizado quando se perguntou quais eram os três itens mais importantes para o desenvolvimento de uma criança de 0 a 3 anos. Somente 19% escolheram a resposta brincar/passear. As alternativas levar ao médico, alimentar e amamentar ficaram entre as mais escolhidas. Na visão da especialista em enfermagem e infância Anna Maria Chiesa, uma das consultoras da pesquisa, o fato de o brincar ter conquistado menos de um quinto dos votos da amostra (de 2002 entrevistas) é um sinal da alerta: “É pela brincadeira que a criança compartilha vivências e reconhece o mundo e suas emoções. O maior aprendizado que a criança tem é na brincadeira”, diz.

Na fase escolar, também é muito comum que os pais relacionem a brincadeira à hora do descanso, procurando oferecer o máximo de estímulos

“É pela brincadeira que a criança compartilha vivências e reconhece o mundo e suas emoções.”

Anna Maria Chiesa, especialista em enfermagem e infância.



Peça Se essa rua fosse minha do grupo Palco Cia. de Teatro: encenação para turma do 1.º ano.



Família na Escola: um sábado de brincadeiras para pais e filhos.



“Brincando, adultos e crianças liberam sua capacidade criativa, reforçam laços de afeto, dão risadas e, mais do que tudo, comunicam-se!”

Pe. Geraldo Lacerdine, SJ, diretor da Humanística.

em aulas extras e atividades educativas. “É um grande engano! As crianças aprendem mais quando brincam e se divertem. Inclusive, é essa a grande aposta na reformulação do ensino na Europa: considerar a realidade lúdica da criança para planejar tempos, espaços e propostas de aprendizagem.”, afirma Padre Geraldo Lacerdine, diretor da Humanística. Nesse sentido, queremos provocar a seguinte reflexão: quanto tempo meu filho brinca por dia? Proporciono oportunidades para o livre brincar? A atividade é para ele natural e prazerosa? E para mim, em que momentos fico disponível para brincar?

O CSL E O BRINCAR

Com o objetivo de valorizar a brincadeira, o Colégio São Luís tem promovido os eventos Família na Escola. Realizados aos sábados, eles são voltados para os segmentos Infantil e Fundamental I.

A programação tem início com uma pequena palestra sobre o brincar. Estudioso do tema pela concepção do psicanalista inglês Donald Winnicott, padre Geraldo tem dito nessas ocasiões que o brincar é o modo de comunicação por excelência das crianças, favorecendo questões importantes relacionadas à autoconfiança e à formação de valores éticos. “Brincando, adultos e crianças liberam sua capacidade criativa, reforçam laços de afeto, dão risadas e, mais do que tudo, comunicam-se!”, afirma Lacerdine.

A manhã do Família na Escola tem piquenique, jogos e muitas brincadeiras entre pais e filhos – além de uma atração especial! O Grupo Triii veio cantar para os pequenos do Infantil e o grupo Palco Cia. de Teatro apresentou a peça *Se essa rua fosse minha* para o 1.º ano. Estão previstos mais encontros no segundo semestre. Fique de olho na agenda e vamos brincar! (Colaborou Carina Diniz) ■



FAMÍLIA NA ESCOLA

Confira as próximas datas:

27/08 - 3.º ano

10/09 - 4.º ano

08/10 - 5.º ano

RECREIO EM CASA

Com a ajuda dos professores que intermedeiam o recreio divertido ou dirigido, selecionamos as 10 brincadeiras de que as crianças mais gostam. São ideias para estimular momentos de lazer em família e entre amigos:

PINGUE-PONGUE COM BEXIGAS

Faça duas raquetes com palitos de sorvete e pratinhos descartáveis. Encha uma bexiga e é só brincar.

CORRIDA DE AVIÃO

Sabe fazer um aviãozinho de papel, certo? Então, é assim: cada participante dobra o seu e colore. Define-se o ponto de partida e de chegada e, ao sinal de comando, todos lançam o avião. Vence o que chegar primeiro à marcação.

CORDA

Pular corda é uma brincadeira antiga, que continua atraindo as crianças e favorecendo a integração e a atividade física. Pergunte quais são as músicas que seus filhos conhecem e recorde a sua infância com eles.

JOGOS SIMBÓLICOS

Reproduzem o dia a dia, como brincar de casinha, cabeleireiro, restaurante, mercadinho. O faz de conta – e a inversão de papéis – é ótimo para perceber como as crianças percebem o mundo.

DRAMATIZAÇÃO DE HISTÓRIAS

Para despertar a imaginação, selecione roupas, acessórios, utensílios e brinquedos. Cada um escolhe os objetos que vai usar e qual personagem será. Entre na fantasia e boa diversão.

JOGOS DE TABULEIRO

Atraem crianças a partir dos 7 anos. Desenvolvem a capacidade de refletir e de pensar estrategicamente, ensinando a calcular os riscos. Outras aprendizagens são: seguir regras, esperar a vez de jogar, saber perder e esforçar-se para ganhar.

DAMA E XADREZ

Dos 7 aos 11 anos, Dama e Xadrez estão entre os jogos de que eles mais gostam. Assim como os de tabuleiro, desenvolvem a capacidade de raciocinar, de analisar riscos e de usar estratégias. Quando jogados com um familiar, criam um vínculo que fica na memória para sempre.

ELÁSTICO

Com um elástico de aproximadamente 6 metros com as pontas amarradas, preso atrás dos calcanhares de dois jogadores afastados, a brincadeira começa. Cada vez um participante salta sobre os elásticos, numa sequência de pulos predefinida. Se ele consegue realizar os movimentos sem se enroscar, o elástico sobe um nível e vai para a altura dos joelhos.

DOBRADURA

A brincadeira trabalha a criatividade, paciência, concentração, capacidade de memorizar e habilidades com as mãos. No YouTube, você encontra diversos vídeos explicativos, a que as crianças adoram assistir para aprender.

RODA DE MÚSICA

Cantar para crianças pequenas é muitas vezes instintivo, mas, na escola, elas têm a rotina das rodas de música, nas quais experimentam instrumentos e brincam. Que tal manter o hábito? Vale também apresentar as suas músicas preferidas.



POR DENTRO DO NOVO

PERÍODO INTEGRAL

CONSIDERANDO OS ALUNOS COMO PROTAGONISTAS DA APRENDIZAGEM, O COLÉGIO SÃO LUÍS ENRIQUECE O CURRÍCULO COM OFICINAS E PROJETOS EM GRUPO.

POR SUELI MARCIALE,
COORDENADORA PEDAGÓGICA DO INFANTIL
E DO ENSINO FUNDAMENTAL I

A perspectiva da educação integral está presente nos cursos regulares, assim como nos oferecidos no contraturno, e tem como pressuposto básico a aprendizagem que integra diferentes saberes, espaços educativos, sujeitos e conhecimentos.

Durante o segundo semestre de 2015, renovamos a proposta para o curso do Integral, oferecido do Infantil 3 ao 9.º ano, de modo a definir uma matriz organizada a partir de oficinas de aprendizagem.

Tal mudança, implementada em 2016, vem possibilitando uma ampliação do universo de experiências educativas, científicas, artísticas, culturais e esportivas dos alunos, que têm aproveitado plenamente o ambiente escolar, além de saídas para conhecer e observar outros espaços da cidade.

As atividades propostas para cada oficina refletem o novo projeto político-pedagógico da Escola, que põe em xeque a fragmentação de conteúdos (leia mais sobre o assunto na reportagem *Que escola é esta que queremos?*). Na perspectiva da educação integral, busca-se a integração dos saberes acadêmicos aos saberes locais – o aluno leva para casa o que aprende na escola, e vice-versa, articulando conhecimentos da família, da comunidade,

da cidade, da região etc. Ao mesmo tempo, representa um *continuum* no tempo escolar que está sendo ampliado.

Toda essa mudança teve início à medida que concebemos o educando como produtor de seu conhecimento. Assim, nossos professores foram desafiados a repensar em como oferecer condições para desenvolver todas as potencialidades ou dimensões formativas dos alunos. Antes de começar uma atividade, por exemplo, fazem um levantamento dos conhecimentos prévios e hipóteses sobre o assunto, coletam e organizam dados da biblioteca e materiais audiovisuais e trocam informações com seus pares. Nessa perspectiva, a partir dos conhecimentos desenvolvidos nas oficinas e dos interesses dos alunos, definem o tema para desenvolverem os projetos.

PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Para haver uma educação integral, devemos reconhecer os educandos como

sujeitos de vivências que dependem de processos educacionais intencionais abrangentes e da abertura do espaço escolar como condição precípua de um currículo, capaz de integrar os diversos campos de conhecimento e as dimensões física, afetiva, cognitiva, ética, estética e política.

No caso do Colégio São Luís, a perspectiva da educação integral está presente nos cursos regulares, assim como nos oferecidos no contraturno, e tem como pressuposto básico a aprendizagem que integra diferentes saberes, espaços educativos, sujeitos e conhecimentos. Dessa forma, o que chamamos de “proposta curricular” para o curso Integral é uma ampliação da jornada escolar que não apenas aumenta o tempo de permanência do aluno na escola mas também cria possibilidades de enriquecimento curricular, a partir da diversificação de tempos, modos e espaços de aprendizagem. Nas páginas a seguir, mostramos as propostas das oficinas e alguns exemplos do que já aconteceu. >>

APRENENDO POR PROJETOS

Conheça as oficinas e algumas atividades desenvolvidas pelos alunos no primeiro semestre no Integral



ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO

Atividades que trabalham diferentes estratégias de leitura e anotação de conteúdo, visando ao estudo de qualidade nas diversas disciplinas: Matemática; Língua Portuguesa (inclui Alfabetização/Letramento); Línguas Estrangeiras; Ciências; História e Geografia, entre outras. O horário também é aproveitado pelo aluno para resolver exercícios e fazer a lição de casa, solicitando a ajuda dos colegas ou de um professor, sempre que necessário.

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O princípio dessa oficina é o que chamamos de "pergunta-ação". Uma questão que orienta a busca pela resposta, mas também admite a reinvenção da realidade, por meio das respostas encontradas, que podem gerar novas perguntas, sempre vinculadas à realidade. As atividades são planejadas para que os alunos possam experimentar, interagir e enfrentar os problemas da vida cotidiana. Exercem assim a curiosidade típica do cientista.

CULTURA DIGITAL

Articulação entre as diversas áreas do conhecimento e as tecnologias, desafiando os alunos a experiências de aprendizagem não lineares. As atividades são voltadas ao uso digital, como inclusão tecnológica, alfabetização e letramento digital, informática educativa, uso ético e seguro da internet, utilização de *softwares* de pesquisa etc. Esse acesso aos meios de conectividade nos permite ter um novo olhar sobre as práticas colaborativas e democráticas no espaço escolar.



Alunos aprenderam a construir mapas conceituais para a fixação de novos conhecimentos.



O estudo do tema "luz e sombra", no Infantil e no 1.º ano, culminou com um teatro de sombras.



Alunos do 4.º ao 9.º ano estão desenvolvendo games, vídeos, animações e livros digitais.



Atividades lúdicas e mobiliário confortável tornam a rotina do Integral leve e prazerosa.

ASSISTA NA TV SÃO LUÍS

Preparamos um vídeo para apresentar a nova proposta do período Integral. Confira em www.youtube.com/tvsauluis

CULTURA E ARTE

Incentivo à produção artística e cultural, individual e coletiva, como possibilidade de reconhecimento e recriação estética de si e do mundo, bem como da valorização do patrimônio material e imaterial produzido historicamente pela humanidade. As atividades envolvem as diferentes linguagens (música, dança, teatro, artes etc.), a fim de promover o contato, o respeito e a valorização, por parte dos alunos, da diversidade de manifestações culturais no Brasil e nas diferentes regiões do mundo.



Pesquisa da ascendência da turma do 2.º e 3.º anos se desdobrou em atividades como uma aula de culinária italiana.

ESPORTE E LAZER

Os jogos, as brincadeiras de rua e as atividades esportivas (natação, dança, ginástica, futsal, brincadeiras de rua etc.) trabalham tanto o repertório motor quanto a cultura que elas representam. A cooperação é o principal valor desenvolvido nessa oficina, por meio de situações de parceria e de trabalho coletivo, em que é possível superar-se e cooperar para o desenvolvimento dos outros, reforçando sentimentos de confiança, união, partilha, ajuda e compreensão.



Aulas de natação são comuns a todas as faixas etárias. Outros esportes e brincadeiras variam conforme o grupo.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Essa oficina se pauta na construção de valores sociais (formas sustentáveis de ser e de estar no mundo), de conhecimentos, de habilidades, de competências e de atitudes voltadas para a conquista da sustentabilidade socioambiental e econômica. As atividades centram-se em debates sobre as possibilidades de transformação da escola em espaço sustentável e em experiências criativas voltadas ao consumo consciente e responsável no espaço escolar e fora dele.



No estudo do aquecimento global, alunos do 4.º e do 5.º anos pesquisaram conteúdos para criar campanhas ecológicas.

Júlio Gartner
responde a várias
perguntas dos alunos.



ELES SOBREVIVERAM PARA CONTAR A HISTÓRIA

TESTEMUNHAS DO
HOLOCAUSTO E DA
BOMBA ATÔMICA
VÊM AO COLÉGIO
CONVERSAR COM
ALUNOS DO 9.º ANO

Passaram-se mais de 70 anos. Tempo muito curto para que as feridas provocadas pela Segunda Guerra Mundial tenham cicatrizado na pele e na memória dos sobreviventes. Período longo o suficiente para que a nova geração olhe para o ocorrido apenas como mais um conteúdo do livro de História.

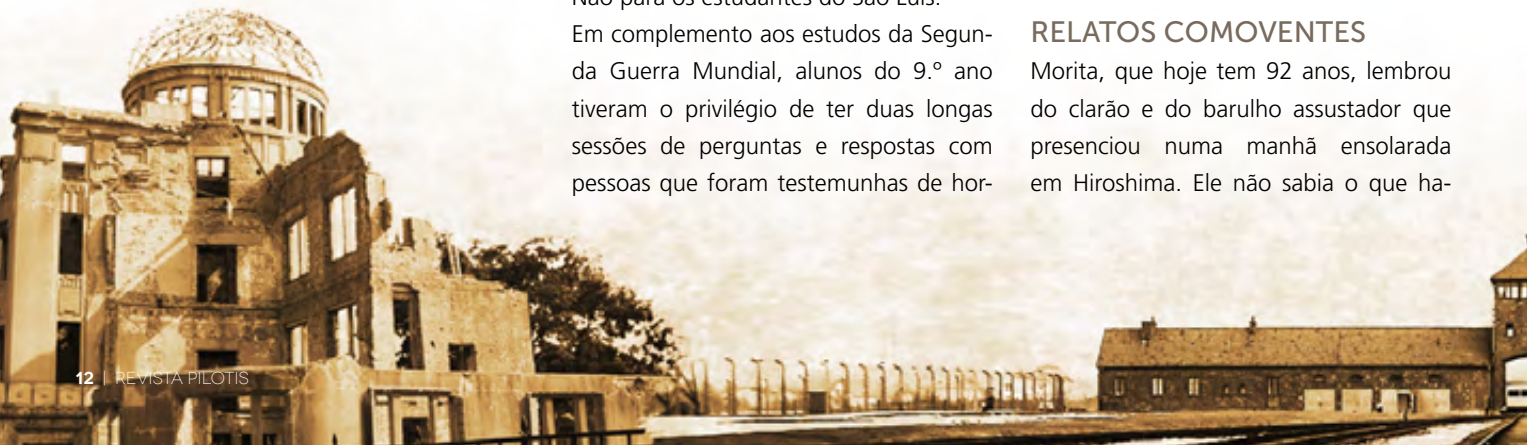
Não para os estudantes do São Luís.

Em complemento aos estudos da Segunda Guerra Mundial, alunos do 9.º ano tiveram o privilégio de ter duas longas sessões de perguntas e respostas com pessoas que foram testemunhas de hor-

rores: Júlio Gartner, cuja trajetória de resistência ao nazismo foi contada no documentário *Sobrevivi ao Holocausto* (ele veio acompanhado de Márcio Pitliuk, diretor do filme) e Takashi Morita e Junko Watanabe, que viviam no Japão quando os Estados Unidos jogaram as bombas de Hiroshima e Nagasaki.

RELATOS COMOVENTES

Morita, que hoje tem 92 anos, lembrou do clarão e do barulho assustador que presenciou numa manhã ensolarada em Hiroshima. Ele não sabia o que ha-





Morita e Junko, da Associação Hibakusha Brasil pela Paz.

“Hoje estou aqui para que nunca mais a história que vivi se repita”

Júlio Gartner, sobrevivente do Holocausto.

via acontecido. Até que, de repente, um avião passou e ficou tudo escuro. “Começou a cair uma chuva preta. As pessoas na rua ficaram com a cabeça queimada. De dentro de uma casa que desabou, uma criança gritava ‘mamãe, mamãe’. Consegui entrar e tirar o bebê de lá. Salvar uma vida me deixou contente. Olhei para a cidade: tudo destruído”, contou. Dos cerca de 350 mil habitantes de Hiroshima, estima-se que 80 mil morreram após a queda da bomba atômica. Entre 90 mil e 140 mil pessoas ficaram feridas ou foram atingidas pela radiação. Morita passou um mês no hospital. “Sobrevivi pois não bebi ou comi nada por dois dias”, explicou ele, que teve medo da contaminação.

Junko era um bebê no dia em que a bomba caiu e seus pais só revelaram o fato quando ela já era adulta, casada e havia imigrado para o Brasil. “Por sorte, fiquei bem e meus filhos nasceram saudáveis”, contou. “Mas tive medo quando nasceram meus netos. Carregarei para sempre este medo”. Junko e Morita atuam na Associação Hibakusha Brasil pela Paz. O

grupo inicialmente batalhava para que o governo japonês custeasse os gastos médicos dos sobreviventes à bomba e hoje tem uma atuação mais ampla de combate ao uso de energia nuclear.

DE VOLTA AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Como os alunos haviam assistido ao relato de Júlio Gartner no documentário *Sobrevivi ao Holocausto*, a conversa girou mais em torno de perguntas complementares. Os alunos tiveram curiosidade de saber se ele encontrou colegas de escola no campo de concentração (sim, encontrou), se a fé dele ficou abalada (“Às vezes pensava, Deus, como você pode permitir que isso aconteça?”, respondeu), se ele ainda sentia raiva dos alemães (“Não, seria injusto. Há um provérbio na Polônia que diz que o filho não pode pagar pelos pecados dos pais. Muito menos dos avós!”, disse), se acreditava que um ditador como Hitler poderia surgir nos dias de hoje (“Não, mas para isso é preciso que as pessoas sejam educadas e não permitam que esse tipo de gente chegue ao poder”).

“Particpei do filme e estou hoje aqui para que nunca mais a história que vivi se repita”, disse Gartner. No documentário, ele visita os locais onde passou desde que teve de deixar sua casa na Polônia para se esconder em guetos até ser levado por nazistas. Trabalhando num túnel próximo a uma câmara de gás, ele sobreviveu um dia após o outro até a Guerra acabar. “Eu sabia que aquilo iria acabar algum dia. Queria viver para ver o fim: felizmente o fim deles veio antes, não o meu”.

Entre tantos bons filmes sobre o nazismo que existem, *Sobrevivi ao Holocausto* é adequado aos jovens porque conta a história de uma pessoa que tinha 15 anos, a idade dos alunos, quando a Guerra começou. Também porque ele “volta ao inferno”, como diz, acompanhado de Marina, uma adolescente que foi colega de escola de sua neta. “Busquei fazer esse contraponto para aproximar as gerações”, explica o diretor Márcio Pitliuk. “Normalmente ela reagia com raiva e indignação ao que via, enquanto ele manifestava sua dor, mas conseguia dominar o sentimento de ódio”. ■

Fotomontagem com Memorial da Paz em Hiroshima (à esq.) e entrada do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.



1



4



2



3

SEJAMOS POLÍTICOS!

EM RESPOSTA À POLARIZAÇÃO DE OPINIÕES QUE DIVIDIU O BRASIL, ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EXERCITAM O DIÁLOGO E A TOLERÂNCIA

No mês de abril, diante da crise política, o Colégio São Luís viu a necessidade de apoiar as conversas que estavam acontecendo entre os diferentes segmentos da escola, com alguns argumentos que permitissem um verdadeiro diálogo a partir de valores de respeito e convivência na diversidade de ideias. Uma carta enviada aos pais e responsáveis – que alcançou grande repercussão na mídia e na internet – foi o meio escolhido para esse posicionamento. Embora não pendesse nem a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff nem contra ele, a carta encontrava na polarização uma oportunidade para mos-

trar como a participação na vida política é importante para o avanço da democracia brasileira em geral – e de nossa comunidade educativa em particular. De forma coerente, algumas atividades educativas do semestre também refletiram o momento político, exercitando a reflexão e o diálogo, com respeito à divergência de opiniões e de posicionamentos. Nelas, a crise política não foi necessariamente trabalhada como tópico, mas estava lá, como pano de fundo, num momento em que ficou mais aguda a necessidade de se trabalharem questões de cidadania e de tolerância. Relembramos algumas das propostas de aprendizagem a seguir.

A política como prática de cidadania:

1 - Posse dos representantes de sala.

2 - Votação em urna secreta.

3 - Trabalho de artes com tema da indignação.

4 - Debate sobre pena de morte.

5 - Formação de liderança na Vila Gonzaga.



FÓRUM DE POLÍTICA

Participantes: alunos de 1.^a e de 2.^a séries do Ensino Médio diurno.

Como foi: nesse dia de aula especial, organizado pelos próprios alunos, os estudantes participaram de quatro conversas: o professor de História Paulo Sutti falou sobre regimes políticos e a democracia no Brasil; um dos coordenadores da Humanística, Tuna Serzedello, contou sobre sua experiência atuando em campanhas de marketing eleitoral; os professores João Marcelo e Fábio Mesquita mediarão uma conversa sobre posicionamentos políticos; por fim, economia foi assunto para o ex-aluno Diogo Bardi.

ELEIÇÃO PARA REPRESENTANTES DE SALA

Participantes: Fundamental I e II.

Como foi: pela primeira vez, a eleição de representantes de sala estendeu-se ao Fundamental I, criando as bases para uma experiência de atuação política divertida e séria ao mesmo tempo. As crianças refletiram sobre as características de um líder, os interessados postularam suas candidaturas e a votação secreta deu-se em urna eletrônica. Após cerimônia de posse, reuniões foram marcadas com a direção-geral e o trabalho desses representantes começou para valer, na escuta dos amigos e com a elaboração da pauta de sugestões.

DEBATES POLÍTICOS

Participantes: alunos do Ensino Médio.

Como foi: organizados por alunos da 2.^a série voluntários, os debates são abertos a interessados e acontecem mensalmente no período da tarde. Assuntos como pena de morte, *impeachment*, feminismo e cotas raciais já foram discutidos, sempre seguindo a mesma dinâmica: um grupo defende, outro critica e há uma mesa mediadora para controlar os tempos de fala. Professores participam apenas como convidados e ajudam a contextualizar e a relativizar as opiniões no pronunciamento de abertura e de encerramento do debate.



SEMINÁRIO DE DIREITOS HUMANOS

Participantes: alunos do EM Noturno.

Como foi: após uma confraternização musical no ginásio, alunos assistiram a três palestras. No teatro, falou o advogado Fermio Fecho, integrante da Comissão da Memória e da Verdade da prefeitura de São Paulo e com uma longa trajetória de trabalho em defesa dos Direitos Humanos. Na sala da Humanística, a pauta da diversidade foi trazida pelo ex-aluno João Marcon, que foi vítima de agressões homofóbicas na rua, e por uma ativista transexual, Magô Tonhon. Na Sala São Luís, Helio da Silva, conhecido como “plantador de árvores”, deu seu depoimento na perspectiva do cuidado socioambiental, tema que está na Campanha da Fraternidade de 2016.

FORMAÇÃO DE LÍDERES

Participantes: 80 jovens do 9.º ano à 3.ª série do EM, cursos Regular e Noturno.

Como foi: num sábado, na Vila Gonzaga, a equipe de Humanística e alguns educadores conduziram aulas conceituais de política, seguidas de reflexões e dinâmicas visando propiciar a integração e o desenvolvimento individual desses alunos, que são representantes de sala e do grêmio e organizadores dos debates diplomáticos da SINU ou do Comitê

de Política (atividades extracurriculares, de participação livre e gerenciadas pelos estudantes). No grupo entraram ainda os dois embaixadores da campanha filantrópica Inacianos pelo Haiti e do recém-criado coletivo feminista Maria Quitéria.

GRUPO DE ESTUDO DE GÊNERO

Participantes: aberto a alunos e funcionários interessados no assunto.

Como foi: com a formação do coletivo feminista Maria Quitéria (leia mais sobre o assunto na página 34), notou-se uma necessidade de conhecimento da história do movimento para trazer embasamento teórico e mais respaldo às discussões. Já aconteceram dois encontros de estudo.

INDIGNAÇÃO INSPIRADA EM GUERNICA

Participantes: alunos do 9.º ano.

Como foi: nas aulas de artes, alunos estudaram a obra *Guernica*, de Picasso, que retrata os horrores do bombardeio à cidade basca na Guerra Civil Espanhola. Depois, fizeram uma releitura da obra, seguindo o estilo do cubismo e os tons em preto e branco, para tratar de um tema da atualidade que lhes provoca indignação. Corrupção, assédio e miséria foram os mais lembrados.



MAIS INFORMAÇÕES

A íntegra da carta sobre a crise política pode ser conferida na área de notícias do site www.saoluis.org

CONCURSO DE REDAÇÃO E ARTE DA REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO

7.º E 8.º ANOS EF II – PRÓXIMAS ETAPAS:

De 01 a 31/08 – seleção interna

De 05/09 a 31/10 – votação aberta no Moodle

Até 07/11 – divulgação dos vencedores



MOSTRA CULTURAL DO PROJETO CONEXÕES

De 19 a 30/10, no
teatro da Cultura Inglesa.



OLIMPÍADA DE CIÊNCIA

outubro

6.º ao 9.º ano EFII

Inscrições de

12/09 a 16/09



SEMANA DO CONHECIMENTO

De 31/10 a 04/11

Mostra da produção dos
alunos em 2016 com o tema
“Diversidades e Identidades”.



X SINU

De 09 a 11/09

Simulação Interna
das Nações Unidas.
Informações pelo site
www.xsinu.com

10
ANOS

co
ne
xões



COLÉGIO SÃO LUÍS É UM DOS ORGANIZADORES DO PROJETO INTERNACIONAL DE TEATRO QUE JÁ ENVOLVEU MAIS DE 2.500 JOVENS NA MONTAGEM DE 40 PEÇAS

POR TUNA SERZEDELLO
FOTOS MARIA TUCA FANCHIN E MARIA BONFIM

Reunir mais de 2.500 alunos de escolas públicas, particulares e grupos independentes. Convidar autores renomados, brasileiros e britânicos, para escrever peças de teatro inéditas especialmente para eles. Colocá-los juntos para conversar sobre dramaturgia, criação artística e diferenças culturais. Organizar uma mostra, em um teatro profissional da cidade, para que eles compartilhem suas criações com um público que já ultrapassou a marca de 10 mil espectadores. Ao final de tudo, ainda publicar os textos (já somam 43) na web e em livros e distribuí-los gratuitamente para escolas e bibliotecas. Parece um sonho.

Esse sonho se chama Projeto Conexões de Teatro Jovem e neste ano comemoramos sua realidade de 10 anos. Sonhado conjuntamente pelo Colégio São Luís, o British Council, a Cultura Inglesa, a Escola

Superior de Artes Célia Helena e o Royal National Theatre de Londres, é realizado de maneira colaborativa entre essas Instituições e hoje conta ainda com o apoio de um Conselho Jovem formado por participantes de diversas escolas.

Neste ano, além dos autores participantes, faremos uma visita especial ao legado de William Shakespeare. Na celebração dos 400 anos de sua morte, por meio de uma parceria com o projeto Shakespeare Lives, o Conexões propõe aos grupos a criação de uma ação performática especial, a partir do texto *30 e 3 minutos para Hamlet*, de Tom Sttopard. A performance, de no máximo 15 minutos, antecederá as apresentações das peças na Mostra Conexões como uma “visita”.

O portfólio das peças a serem interpretadas em 2016 traz textos de dois *supers-tars*. Patrick Marber, indicado ao Oscar

pelo roteiro do filme *Notas sobre um escândalo* e ao Golden Globe pela adaptação da sua peça *Closer* para o cinema, e a autora Lucinda Coxon, responsável pelo roteiro do filme indicado ao Oscar *Garota Dinamarquesa*. Os dois escreveram respectivamente os textos *Os Músicos* e *Como Eles São?* para esta edição do Conexões.

Os autores brasileiros também são muito reconhecidos dentro da cena teatral brasileira: Alexandre Dal Farra, ganhador do prêmio Shell, e Lucienne Guedes, doutora em dramaturgia pela ECA-USP, são os autores de *Ele escreveu um texto para jovens* e *A Ponte*.

O resultado desse processo poderá ser visto no final do ano na Mostra Conexões de Teatro Jovem, que será sediada no Teatro Cultura Inglesa-Pinheiros entre os dias 19 e 30 de outubro. ■



QUE ESCOLA É ESTA QUE **QUEREMOS?**

PROJETO EDUCATIVO COMUM,
LANÇADO EM AGOSTO,
ORIENTA COLÉGIOS DA REDE
JESUÍTA DE EDUCAÇÃO NA
REVISÃO DE SEUS CURRÍCULOS



“Precisamos promover uma mudança de pensamento, com uma nova leitura da realidade”

Padre Mário Sündermann, SJ

Em agosto, acontece o lançamento oficial do Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação. Construído de forma coletiva pelas 17 unidades de ensino no Brasil, que educam em torno de 30 mil alunos, o documento nasceu de uma pergunta que Santo Inácio de Loyola fez a si mesmo quando estava cansado e triste para seguir com sua peregrinação: “Que nova vida é esta que agora começamos?”.

Numa busca de propósito semelhante à da Companhia de Jesus, porém com ânimo, nossos educadores avaliaram o estágio atual do ensino nas escolas jesuítas, mapeando as necessidades, os desafios e as oportunidades que havia. Em dois anos de discussões, voltaram muitas vezes à questão essencial. Adaptada à situação enfrentada, ela seria: Afinal, que escola é esta que queremos? O Projeto Educativo

Comum, que ficou conhecido pela sigla PEC, traz a resposta, em 116 parágrafos. Apesar do que o nome pode sugerir, o texto não tem o objetivo de padronizar a educação na Rede Jesuíta. Ele versa sobre o entendimento dos colégios da rede em relação à educação integral, à organização do currículo, às formas de avaliação, à inclusão, à participação da família etc. “Precisamos promover uma mudança de pensamento, com uma nova leitura da realidade”, comenta Padre Mário Sündermann, SJ, Delegado para a Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil. “Muitos querem continuar repetindo os processos porque é cômodo, mas isso gera estagnação em vez de gerar vida, dinamicidade e mudança. Acredito que mudar é correr risco, mas não mudar é correr risco ainda maior”.

A diretora-geral do Colégio São Luís, Sônia Magalhães, participou de todo o processo

de elaboração do PEC e reforça a mensagem: “Entendemos que a tradição pela qual somos reconhecidos é uma tradição viva, que procura dar a melhor resposta aos desafios de cada tempo”. Sônia enfatizou o fato de o documento ter nascido de um diálogo entre a espiritualidade e a pedagogia, após conversas em reuniões internacionais que tiveram a presença de jesuítas e de diretores de escolas de 52 países, representando realidades tão distintas, como uma escola *high-tech* de Barcelona e uma de chão de terra batida do Nepal. “Isso o torna fonte de inspiração para que haja uma forte intervenção das questões humanísticas no currículo”, comentou. Para entender o PEC, assim como para acompanhar as mudanças que já estão em curso no Colégio São Luís, alguns pressupostos são necessários. Vamos falar sobre eles nas páginas seguintes. >>

PONTOS DE ATENÇÃO DO PEC



TRABALHO EM REDE

Constituída há apenas dois anos, a Rede Jesuíta de Educação do Brasil zela pela identidade e pela missão inacianas, além de criar formas de fazer circular boas práticas, pessoas e recursos. Trata-se de um trabalho em andamento, que pode ser percebido em diversos níveis: desde o logo nos materiais de comunicação do Colégio São Luís até as atividades pedagógicas que integram vários colégios, como o concurso de redação, passando por campanhas humanitárias e reuniões de gestores. (Parágrafos de 1 a 10)

FORMAÇÃO INTEGRAL

A proposta pedagógica das escolas jesuítas está centrada na formação da pessoa para toda a vida e por inteiro, nas dimensões cognitiva, afetiva, ética, espiritual, comunicativa, estética, corporal e sociopolítica. Proporcionar uma formação integral e integradora resume-se pela missão definida pelo CSL: excelência na educação de pessoas competentes, conscientes, compassivas e comprometidas. (Parágrafos 13, 14, 25, 40, 42)



MEIO AMBIENTE

A educação jesuítica considera mais as demandas por sustentabilidade ambiental do que as pressões para o desenvolvimento econômico, viciadas na exploração dos recursos naturais. (Parágrafos 23 e 25)

INCLUSÃO

A proposta de inclusão ancora-se na garantia de direitos, visando atender às exigências de uma sociedade que vem combatendo preconceitos, discriminações, barreiras entre indivíduos, povos e culturas. Uma escola inclusiva não só oferece recursos especializados mas também um espaço que valoriza a diversidade, no qual se experimentam as vantagens de um ensino e de uma aprendizagem cooperativos. Além disso, a inclusão social na rede é feita por meio de 5.000 bolsas, ou 17% do total. (Parágrafos 23, 25, 48, 49, 50 e 51)

RELIGIÃO

O colégio é sim um ambiente apostólico, cuja essência é a oferta de uma educação com base em valores religiosos – mas não é uma paróquia. A tradição da Companhia de Jesus ensina que a função da escola é a formação em valores, no caso, valores cristãos. "A vivência religiosa na escola será sempre uma oferta, uma alternativa, mas seu lugar privilegiado é a família, a partir do exemplo", diz Sônia Magalhães. (Parágrafos 106, 107, 111, 112, 113, 114)



TECNOLOGIAS

A meta é contemplar o uso de tecnologias para transpor limites físicos e temporais da sala de aula, permitindo inovações nos métodos de ensino e aprendizagens significativas. (Parágrafos 26, 27 e 28)



CURRÍCULO

Assim como já está acontecendo no Colégio São Luís, haverá uma atualização para enriquecer a matriz curricular obrigatória e incorporar propostas interdisciplinares, utilizando melhor os espaços, os tempos e os recursos disponíveis. A avaliação trimestral é uma das mudanças no sentido de permitir mais profundidade nas aprendizagens, em contraste à profusão de conteúdos superficiais e desarticulados. (Parágrafos de 29 a 47)

DIVERSIDADE

O desafio de articular fé e justiça no currículo leva os colégios da Rede Jesuíta a considerarem, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes à cultura-africana no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou a grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça. (Parágrafos 29 e 49)



“Entendemos que a tradição pela qual somos reconhecidos é uma tradição viva, que procura dar a melhor resposta aos desafios de cada tempo”.

Sônia Magalhães, Diretora-Geral do CSL.

RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Dar autonomia aos alunos e colocar o foco da educação na aprendizagem – objetivos apontados pelo PEC – não significa deslocar a responsabilidade do processo educativo para o aluno. Ao contrário: o professor deve preparar suas aulas de modo a favorecer o contato ativo dos alunos, mediando a construção do saber e oportunizando vivências que acolham a diferentes tempos e formas de aprender. “Os estudantes geralmente amam o colégio, mas não gostam das aulas, por considerarem as mediações pouco dinâmicas e diversificadas, gerando cansaço em vez de encanto”, comenta Padre Sündermann. (Parágrafos 32, 40, 41 e 42)







TROCANDO AS BOLAS

A DIVERSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

POR DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DO COLÉGIO SÃO LUÍS

A Educação Física do Colégio São Luís é marcada pela inovação. Desde a década de 1880, portanto antes de Charles Miller realizar aquele que é considerado o primeiro jogo oficial de futebol de que se tem registro no Brasil, em 1895, a bola de capotão já rolava entre os pés dos meninos que estudavam em Itu. O “bate-bolão” começou nos recreios, com passes e chutes contra a parede, e foi acolhido pelos jesuítas no âmbito pedagógico, passando a incorporar regras do esporte que nascia na Europa e viria a se tornar o mais querido do País. Essa história está documentada no livro *Pontapé inicial para o futebol no Brasil*, editado pelo CSL, com pesquisa e texto de Paulo Cezar Alves Goulart.

Recentemente, um novo capítulo de pioneirismo vem sendo escrito pelo departamento de Educação Física, com a introdução de atividades e jogos como *flag*, *parkour*, *badminton*, *floor hockey* e *tchoukball*. “Essas atividades têm como objetivo ampliar o repertório esportivo e motor e apresentar elementos culturais que compõem essas modalidades populares em outros países”, diz Leandro Sanches, coordenador de Educação Física. “Servem também para incentivar a sociabilização e motivar os alunos para as aulas”, completa. Durante décadas, a Educação Física escolar se baseou nas quatro modalidades básicas de esporte – handebol, voleibol, futebol e basquete – nas quais a competição era estimulada buscando-se a exce-



Tchoukball, dança de rua e floor hockey: novas habilidades motoras, dinâmicas de grupo diferentes e mais diversão.

lência de movimentos e da ginástica para o condicionamento físico. Por isso, sem descaracterizar as modalidades básicas, pois são de suma importância para o acervo motor dos alunos, o Colégio São Luís aumentou as possibilidades de esporte, objetivando sempre o bem-estar dos alunos e a qualidade das aulas.

TACO E PETECA

Raquete e peteca são usados no *badminton*. Taco e bola de tênis, no *floor hockey*. Um quadro substitui o gol no *tchoukball*, que se assemelha ao handebol. O futebol americano entra numa versão adaptada, sem contato, em que o objetivo é puxar a fita presa ao adversário – este é o *flag*. Há ainda os circuitos de *parkour*, em que os alunos têm de mostrar força e resistência para vencer obstáculos, subir escadas e passar por um circuito de colchões. A cada modalidade experimentada pelos alunos, especialmente nas séries do Fundamental II, a Educação Física adquire mais graça, novos desafios e

possibilidades de integração entre os alunos. Destacam-se ainda as aulas na piscina – com atividades recreativas inspiradas no polo aquático, basquete e *biribol* – e as danças, que já faziam parte dos cursos extras e do Período Integral, e foram inseridas em dois novos contextos: o recreio divertido e o festival de danças do 8.º ano. No caso do recreio, as crianças do Fundamental I podiam sugerir brincadeiras de rua e outras atividades para curtir o intervalo. Pediram danças e a professora Carla Marcelle tem favorecido a diversão. No 8.º ano, os adolescentes venceram a vergonha típica da idade, ensaiaram em grupos uma dança e subiram no palco para uma apresentação que foi pura diversão. Resume o coordenador de educação física e esportes, Leandro Sanches: “No São Luís, a Educação Física definitivamente é levada muito a sério. Estamos sempre atentos a novas modalidades esportivas que, de forma motivadora e lúdica, desenvolvam plenamente o ser humano, tornando-o mais solidário, comprometido e compassivo.” ■

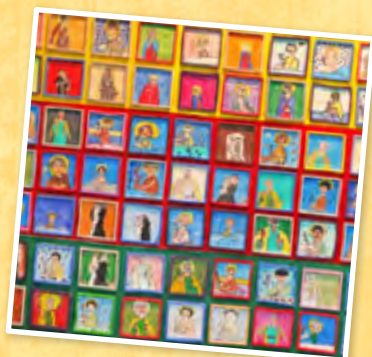
LIVRO HISTÓRICO

Confira o livro *Pontapé inicial para o futebol no Brasil* na íntegra na área de publicações do site www.saoluis.org



VEJA MAIS FOTOS!

Na página do Colégio São Luís no Facebook, há uma galeria com mais de 100 fotos do Arraiá 2016.



VIVA A NOSSA CULTURA JUNINA!



Neste ano, o Arraiá do CSL retratou as cores, os sabores e os ritmos de cada região do Brasil. O resgate da essência da festa junina, como importante manifestação da cultura popular, esteve presente no ambiente criado pelos alunos de Educação Infantil e Fundamental I, na entrada principal. A galeria deu lugar a uma exposição de trabalhos feitos a partir de estudos da Arte Naif e inspirados por artistas como Volpi e Portinari, que retrataram as festas juninas em suas obras. Para as danças, foram escolhidas músicas típicas de festas populares das diferentes regiões do Brasil. O sertão de Luiz Gonzaga (Infantil 4), a Catira e o Siriri do Mato Grosso (apresentados por 2.º ano e Infantil 5, respectivamente), o Boi-bumbá do Norte e do Nordeste brasileiros (1.º ano), a Balainha, com os arcos floridos, típicos da Região Sul (3.º ano), a dança do pau de fita, que aparece em várias regiões e festas cristãs (4.º ano), e, claro, a tradicional quadrilha de São João, apresentada pelo 5.º ano e pela 3.ª série do Ensino Médio. Foi lindo demais, sô! ■

ESCOLA COMO LÓCUS DE **FORMAÇÃO DOCENTE**

POR SUELI MARCIALE, COORDENADORA PEDAGÓGICA
DO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

A fluidez desses tempos modernos, em que vivemos, tem trazido novas exigências, novos modos de ser, novas demandas e outras perspectivas de acompanhamento do trabalho pedagógico na escola. Essa, segundo dados da UNESCO, não tem dado conta de assegurar, como previsto em lei, um processo educacional que leve ao pleno desenvolvimento da pessoa, do exercício da cidadania e de sua qualificação para o trabalho.

Nas três últimas décadas, a formação de professores tem sido intensificada e tem vivido inúmeras mudanças devido ao plano de políticas educacionais que aponta para a Qualidade na Educação (entendida não só como a que garanta os conhecimentos de mundo mas também a que

garanta formação em valores). Porém, apesar de tantos esforços por parte dos educadores, ainda não estamos conseguindo resultados quantitativos e qualitativos que alterem, para melhor, a realidade da formação dos profissionais do ensino. Iniciativas e estudos mais recentes apontam como fundamental um processo contínuo, no qual o professor veja a sua prática como objeto de sua investigação e reflexão e no qual os aportes teóricos não sejam oferecidos aos professores, mas buscados à medida que forem necessários e possam contribuir para a compreensão e a construção coletiva de alternativas de solução dos problemas da prática docente nas escolas. Essa é a corrente que norteia o trabalho de formação docente no Colégio São Luís e tem no

*Educadores
reunidos para
estudar o Estatuto
da Criança e do
Adolescente (ECA)*

“A formação contínua deve contribuir para mudança educacional e para a redefinição da profissão docente. Neste sentido, o espaço pertinente da formação contínua já não é o professor isolado, mas sim o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar”

(António Nóvoa, educador português, 2002.)



educador português António Nóvoa uma de suas principais referências.

Todas as terças-feiras, em horário de trabalho, acontecem as reuniões formativas, com a participação de diretores, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais. A participação desses gestores é primordial para que se compreenda o processo de formação, para que se assegure o desenvolvimento de atividades específicas no contexto da escola e para que se acompanhe o impacto do processo na aprendizagem dos alunos.

Tal processo diferencia-se de uma reciclagem na medida em que não tem caráter pontual e de atualização e tem como eixo a reflexão coletiva sobre a prática, sobre a experiência de vida escolar do professor, suas crenças, posições, valores e imagens,

com o objetivo de proporcionar a ele o máximo aproveitamento de sua capacidade produtiva. O programa contempla, ainda, intervenções em sala de aula, com o acompanhamento de gestores, visando ao ensino de qualidade, à equalização de oportunidades educacionais e à vivência de uma transformação social.

Acreditamos que esse processo contínuo pode aprimorar a competência dos professores e levá-los a incorporar recursos metodológicos a uma “nova” prática docente, que propicie a construção do conhecimento através do “fazer” e de atividades que permitam trabalhar as competências, quais sejam, experimentar (pôr à prova), conjecturar (suposição, hipótese), representar, estabelecer relações, comunicar (descrever), argumentar (discutir, raciocinar) e validar. ■

A formação dos professores no Colégio São Luís tem a participação de diretores, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais.



EM DEFESA DAS MULHERES

A PROMOTORA DE JUSTIÇA SILVIA CHAKIAN, FORMADA NO CSL EM 1992, CONTA COMO A BASE HUMANÍSTICA RECEBIDA ORIENTOU A SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

POR SILVIA CHAKIAN,
ANTIGA ALUNA DO CSL.
FOTOS ARQUIVO PRÓPRIO

Neste ano, em que os crimes contra as mulheres tiveram forte repercussão, seja pela barbárie do estupro coletivo de uma menina de 16 anos, seja por envolverem gente famosa, como a modelo Luiza Brunet, o trabalho de uma ex-aluna ganhou ainda mais destaque. Estamos falando da promotora de justiça Silvia Chakian de Toledo Santos.

À frente do Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica (GEVID) do Ministério Público de São Paulo, que atua na defesa e na proteção dos direitos das mulheres, Silvia foi muito requisitada para dar entrevistas, escrever artigos e participar de atos de conscientização a respeito do tema. Foi ela uma das primeiras a denunciar a cultura do estupro, ao dizer que “Não há 30 monstros juntos, não tem patologia nisso. É uma questão cultural”.

A seguir, Silvia relembra seus tempos no Colégio São Luís e afirma que a formação humana que recebeu foi fundamental para que ela reconhecesse, desde cedo, a necessidade de buscar fazer a diferença numa sociedade permeada pela desigualdade.

“Graças ao ensino proporcionado pelo CSL, consegui ser aprovada no vestibular logo após o término do terceiro colegial.”



“ Ingressei no Colégio São Luís quando eu tinha nove anos, para cursar o 4.º ano do então primário, e permaneci até o término do Ensino Médio, em 1992. Tenho as melhores lembranças possíveis da época de CSL. São muitas e começam na acolhida do 4.º ano, porque me lembro de ter sido muito bem recebida por todos. Antes de começarem as aulas, assustava-me o fato de o Colégio ser muito maior que aquele onde eu até então estudava, com muitos alunos, professores e funcionários, mas, graças ao excelente trabalho de integração, logo nos primeiros dias já me sentia segura e confiante no novo ambiente.

Passado um ano, vieram os novos amigos, os professores de diferentes matérias e a mudança de período. Adorava as au-

las de Português do Reinaldo, da Filomena (Filó), do saudoso Martinho e as aulas de História da Mari. Costumava tirar boas notas, mas tudo fruto de muito estudo e dedicação também.

Tenho boas lembranças também dos treinos de basquete com a professora Rita, passeios, viagens com a turma, festival de poesia, festival de coreografia, feira de ciências, festa junina, mas, sem dúvida, as melhores lembranças da época de São Luís ficaram reservadas aos amigos. Amizades construídas nas salas de aula, nos corredores e nas quadras do Pilotis. Amizades que me acompanham até hoje. Dos tempos de Colégio vieram minhas melhores amigas e minhas madrinhas de casamento, os meus melhores amigos e o meu primeiro namorado. Também co-

nheci meu marido no São Luís. E lá se vão 15 anos de casados, 20 anos de relacionamento e dois filhos lindos!

Estudar no Colégio São Luís representou, para mim, ter acesso a um ensino de ponta, determinante para que eu pudesse cursar uma excelente faculdade e ter bagagem pedagógica suficiente para ir além na carreira. A formação humana recebida foi fundamental para que eu reconhecesse, desde cedo, a necessidade de buscar fazer a diferença numa sociedade permeada pela desigualdade social.

PERCURSO PROFISSIONAL

Graças ao ensino proporcionado pelo CSL, consegui ser aprovada no vestibular logo após o término do terceiro colegial,



“Há necessidade de ajuda multidisciplinar para que as mulheres consigam romper o ciclo da violência.”

quando passei a cursar a Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Durante a faculdade, as aulas de Direito Penal e de Processo Penal me despertaram a vontade de ser promotora de justiça. Queria trabalhar na defesa da sociedade e das causas sociais mais sensíveis e urgentes.

Após ser aprovada no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil, passei a me dedicar aos estudos para o concurso do Ministério Público e fui aprovada na primeira fase. Nenhuma dúvida tenho de que as aulas de Português do Martinho fizeram a diferença.

Em março de 1999 lá estava eu, com 23 anos, candidata das mais novas, encarando a banca composta por cinco examinadores. Passada a sabatina, cheguei à última fase: a entrevista. Um dos aspectos

avaliados na ocasião dizia respeito à formação acadêmica. O bom nome do São Luís contou a favor, entre outros fatores. Aprovada em 8.º lugar (primeira mulher), tomei posse como Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo aos 16 de junho de 1999, há 17 anos, portanto. Certamente uma das maiores e mais importantes conquistas da minha vida.

DIREITOS DAS MULHERES

Ao longo desses anos, trabalhei na área da infância e juventude, criminal, proteção de idosos e júri (crimes dolosos contra a vida), mas foi na defesa dos direitos das mulheres, de todas as idades, raças, etnias, nacionalidades, crenças e de todo *status* social e econômico que encontrei minha verdadeira vocação.

Atualmente sou coordenadora do Grupo

de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência de Gênero, Doméstica e Familiar contra a Mulher do Ministério Público de São Paulo (GEVID), situado no Fórum Criminal da Barra Funda.

Além do atendimento individual das muitas mulheres que procuram as Delegacias da Mulher e o Ministério Público para relatarem um episódio de violência doméstica, desenvolvemos no grupo projetos de alcance coletivo e preventivo da violência de gênero e doméstica, fenômeno infelizmente tão arraigado na nossa sociedade culturalmente marcada pelo patriarcado e por relações assimétricas de poder.

CICLO DA VIOLÊNCIA

A violência de gênero constitui forma de violação aos direitos humanos das mulheres e não é um fenômeno presente so-

mente na sociedade brasileira, o problema é mundial e tragicamente democrático: atinge todas as mulheres, de todas as raças, nacionalidades e classes sociais.

A face mais visível da violência de gênero (aquela que atinge a mulher pelo fato de ela ser mulher) é a violência doméstica, que vitima milhares de brasileiras todos os anos e leva muitas delas à morte.

Dentre as dificuldades encontradas no enfrentamento desse tipo de criminalidade pode-se destacar a subnotificação dos casos, uma vez que as mulheres demoram a pedir ajuda e chegam a sofrer muitos episódios de violência no relacionamento até conseguirem romper com o silêncio e denunciar. Os fatores são diversos, como o medo, a vergonha, a dependência emocional, financeira, a falta de compreensão de si própria como sujeito de direitos, entre outros. Ademais, essas mulheres muitas vezes acreditam que podem dar conta desse problema sozinhas, não procuram ajuda ou, quando o fazem, acabam desistindo e recuando. Há necessidade de ajuda multidisciplinar para que essas mulheres consigam romper o ciclo da violência.

FIM DO MACHISMO

Outra dificuldade diz respeito ao padrão de comportamento dos homens que praticam a violência. Há necessidade de um trabalho de desconstrução de conceitos machistas e construção de novas perspectivas dessa masculinidade.

Por fim, vivemos numa sociedade ainda marcada pelo patriarcado, permeada por estereótipos de gênero. Essa sociedade também marginaliza a mulher que apanha e que permanece no mesmo relacionamento, reproduzindo mitos como o de que “ela apanha porque gosta”, sem compreensão da complexidade do fenômeno. Trata-se de outro fator que contribui para o silêncio dessas vítimas.



“Vivemos numa sociedade ainda marcada pelo patriarcado, permeada por estereótipos de gênero.”

Nesse aspecto, o principal avanço nessa área veio com o advento da Lei Maria da Penha, em agosto de 2006. Essa legislação, além de ter dado visibilidade ao sofrimento de milhares de brasileiras – problema que até então ficava restrito ao ambiente doméstico –, criou um verdadeiro sistema de proteção integral e preventivo para esses casos. Os avanços obtidos nesses últimos nove anos de Lei Maria da Penha conferem àqueles que trabalham em prol dos direitos das mulheres a certeza de que estamos no caminho certo. Na busca pela equidade de gênero, temos

que dar um salto muito grande. É fato que as mulheres estão, hoje, muito mais conscientes dos seus direitos e menos tolerantes à violência que até então sofriam, mas os desafios ainda são enormes e as mudanças significativas virão com as próximas gerações. As instituições de ensino têm um papel importantíssimo nessa área: permitir a discussão das relações de gênero nas escolas, a igualdade de direitos entre meninos e meninas e a cultura de paz na solução dos conflitos é imprescindível para que tenhamos uma sociedade mais justa e tolerante às diferenças no futuro. ”

Fotomontagem com grupo do Diurno na manifestação contra a cultura do estupro. No enfoque, a aluna Dora Fernandes. Na página à direita, grupo do Noturno.



MENINAS EMPODERADAS

COLETIVO FEMINISTA É CONSTITUÍDO NO COLÉGIO SÃO LUÍS, UNINDO MENINAS (E ALGUNS MENINOS) EM TORNO DE TEMAS COMO CORPO, AUTOESTIMA E RESPEITO À DIVERSIDADE

“Contamos muito de nossas vidas e encontramos forças umas nas outras”

Dora Fernandes, idealizadora do Coletivo Feminista.



Até o ano passado, a estudante da 2.^a série do EM Dora Fernandes, de 15 anos, distinguia-se por ser torcedora fanática do Corinthians e muito interessada em política, motivo pelo qual participava da organização de debates no contraturno das aulas. “À medida que comecei a acompanhar o movimento feminista pelas redes sociais, passei a enxergar tudo como uma questão de gênero, até mesmo as provocações dos meninos por eu gostar tanto de futebol”, diz Dora. Partiu dela a iniciativa de formar o Coletivo Feminista Maria Quitéria, que em quatro meses de existência alcançou a participação de 60 alunos do Ensino Médio Diurno e Noturno, dez dos quais são meninos (antes de prosseguir, vale um parêntese: o nome do grupo rende homenagem à primeira militar brasileira, que lutou pela Independência do Brasil e foi adotado por outros grupos femininos).

Os participantes do Maria Quitéria mantêm uma página no Facebook e organizam reuniões de forma autônoma, porém recebem orientações dos educadores do Colégio São Luís. “Antes de montar o grupo, procurei ajuda e aprovação da Escola”, conta Dora, que apresentou a

ideia ao Padre Geraldo Lacerdine, diretor da Humanística. “Desde o começo, tivemos muito apoio e já participamos de duas reuniões para aprender sobre o movimento feminista”, afirma. O grupo de estudos de gênero, que corre em paralelo ao coletivo na Humanística, já leu textos de referências importantes, como Maria Amélia Teles, e discutiu definições de gênero e de orientação sexual.

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS

A inauguração do Maria Quitéria aconteceu em março, com uma troca de experiências com estudantes de outros colégios que já mantêm um coletivo, tais como Gracinha, Equipe e Escola da Vila. Esse encontro durou mais de três horas e lotou a sala da Humanística. Depois disso, o coletivo passou a ter reuniões semanais, que se iniciam com uma partilha de situações vividas pelos participantes. “Contamos muito de nossas vidas. Falamos de relacionamentos. Choramos. Encontramos forças umas nas outras”, conta Dora.

Entre os temas que mais geram discussão, empatam em primeiro lugar as questões relacionadas aos padrões de beleza e os conflitos em relacionamentos. “No

noturno, temos algumas demandas específicas, até porque há mais meninas negras”, afirma Daisa Leite, de 17 anos. “Conversamos inclusive sobre isso: como o recorte social implica diferentes questões do feminismo”. Apesar de manterem reuniões de partilha separadas, há uma articulação dos subgrupos do noturno e do diurno no coletivo.

AS PRIMEIRAS CONQUISTAS

Em pouco tempo, o Coletivo Feminista Maria Quitéria já tem uma série de ações e histórias para contar. As meninas foram à manifestação na Avenida Paulista protestar contra a cultura de estupro, criaram uma campanha de autoestima e gentileza no banheiro feminino e até deram uma aula para estudantes do 7.^o ano, dentro de uma proposta de Língua Portuguesa para provocar a reflexão sobre corpo, beleza e autoestima. Mas, quando se pergunta o que elas avaliam como mais significativo da experiência até hoje, a resposta vem em um termo que elas aprenderam pelo feminismo: sororidade. Trata-se da aliança entre mulheres, baseada na empatia, em busca de objetivos em comum. ■

TRABALHAR PARA TRANSFORMAR

COMO A SUA PROFISSÃO PODE MELHORAR A VIDA DAS PESSOAS? ESSA FOI A QUESTÃO MAIS DEBATIDA NO X FÓRUM DE PROFISSÕES



Silvana Quaglio, Ana Weiss, Eduardo Oinegue e Monalisa Perrone: perguntas sobre o espaço atual dos jornalistas

Em algum momento entre os 13 e os 17 anos, a pergunta “O que você vai ser quando crescer?” deixa de ser retórica. A resposta que ela exige, contudo, não costuma vir facilmente – e nem sempre é definitiva. Para ajudar os alunos a atravessarem essa fase da escolha da carreira, o Colégio São Luís realizou, em parceria com o Colégio São Francisco Xavier, o X Fórum de Profissões. O evento aconteceu em três encontros, ocorridos nos meses de maio e junho, nos quais os alunos das duas escolas jesuítas de São Paulo tiveram a oportunidade de conversar com cerca de 100 profissionais ou professores universitários. “Dividimos o Fórum pelas áreas de Exatas e Tecnológicas, Humanas e Artes e Biológicas e

Saúde”, conta o assistente de coordenação do Ensino Médio, Acidiniz Fonseca da Silva. Para cada área, houve uma palestra inaugural, seguida de conversas informais nas salas de aula.

O desembargador Antônio Carlos Malleiros, Coordenador da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, comoveu os alunos com suas histórias de trabalho nas ruas, favelas, prisões e hospitais. O vice-reitor de Ensino e Pesquisa da FEI, Marcelo Pavanello, falou sobre empreendedorismo, ensino e apresentou algumas tendências da Engenharia como robótica, internet das coisas, impressão 3-D e exoesqueleto. Por sua vez, o médico e pesquisador da USP Edécio Cunha Neto contou sobre



VEJA COMO FOI!

Entrevistamos alunos e palestrantes do Fórum de Profissões. Assista na TV São Luís: www.youtube.com/tvsaoluis



"Para ser um bom profissional de Direito, é preciso sentir o gosto da lágrima do outro."

Antônio Carlos Malheiros, desembargador

seu trabalho em busca de uma vacina para prevenir a Aids. Disse ainda que o Brasil precisa de mais cientistas na área da saúde, embora as condições de trabalho ainda não sejam ideais. Em comum, o depoimento dos três palestrantes mostrou como é possível colocar a sua vocação a serviço de uma vida melhor para as outras pessoas – e essa coerência de valores pessoais e profissionais é o que os faz felizes.

EM BUSCA DE UMA PROFISSÃO PARA AMAR

O processo de escolha profissional é marcado por muitas dúvidas e inseguranças. Mesmo quando a vocação aparece cedo, há uma série de questões a serem consideradas, relativas ao estilo de vida e aos

perfis comportamentais que cada ofício exige. "Cientista recebe mais reconhecimento que recompensa material", disse o médico Edécio Cunha Neto. "Jornalista trabalha até tarde e não sabe o que é ter Natal e *réveillon*", contou Monalisa Perrone, âncora de telejornal da madrugada da Rede Globo. "Para ser um bom profissional de direito não basta ser justo, tem de ser vivido e ter a capacidade de sentir o gosto da lágrima do outro", falou o desembargador Malheiros.

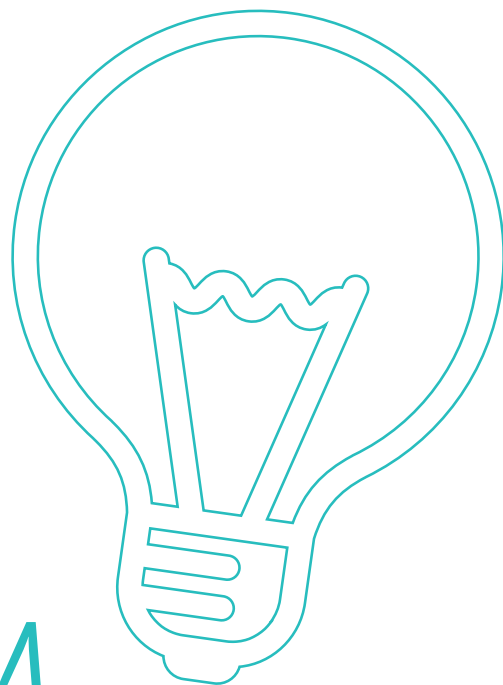
Pesa ainda o fato de que algumas das carreiras mais almeçadas hoje – como analista de marketing digital e *youtuber* – sequer existiam há cinco anos. E mesmo entre as atividades menos cobiçadas há uma diversidade enorme de possibili-

dades de atuação. "Conversei no Fórum com uma enfermeira que trabalha com gestante e achei mágico. Eu não conhecia essa especialidade e fiquei pensando que preciso fazer isso!", conta a aluna Pollyanna Oliveira, do Noturno.

Num cenário de tantas transformações econômicas, políticas e sociais, o segredo de uma decisão bem-tomada está no autoconhecimento. Conhecer seus gostos, aptidões e posicionamentos ajuda a resistir ao ímpeto de escolher uma profissão por dinheiro, *status* ou segurança, porque as recompensas dificilmente vêm para quem não gosta do que faz. E, definitivamente, porque carreira ou empresa alguma conseguem oferecer garantia de dinheiro, *status* ou segurança nos dias de hoje. ■



O manuseio de ferramentas está entre as aprendizagens das aulas.



JOVEM CIENTISTA

PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO ENSINO MÉDIO COMEÇA COM MUITO ENTUSIASMO

POR PROFESSOR ANTÔNIO DE PÁDUA,
ORIENTADOR DO PROJETO JOVEM CIENTISTA

Não se assustem se encontrarem andando pela escola alguns meninos e meninas de avental azul, medindo, tirando fotos ou discutindo com animação algum assunto difícil, como o buraco negro. Esses são nossos cientistas malucos. Detalhe, maluco para a gente é elogio!

Desde abril, eles participam das primeiras turmas do projeto Jovem Cientista, oferecido gratuitamente pelo Colégio a dois grupos de 25 alunos da 1.ª e da 2.ª séries do Ensino Médio diurno e noturno.

O projeto visa estimular o lado criativo e investigativo de nossos adolescentes que, independentemente da carreira que pretendam cursar, são muito curiosos – aliás, desde crianças todos nós já somos cientistas em potencial!

MÃOS À OBRA

Numa conversa introdutória, os nossos jovens cientistas mencionaram as carreiras que pretendiam seguir e a maioria respondeu medicina, engenharia, física e química. Porém, alguns citaram facul-



Turma do projeto visita o Hopi Hari, acompanhada de engenheiros do parque.

O projeto visa estimular o lado criativo e investigativo de nossos adolescentes que, independentemente da carreira que pretendam cursar, são muito curiosos.

dades como direito e publicidade, o que deixa o grupo bem diversificado e ressalta que a curiosidade pelos fenômenos científicos rompe as barreiras das profissões e encanta a todos nós.

A ideia do projeto é fazer com que os participantes questionem situações que envolvam a ciência, busquem novas estratégias para o desenvolvimento de projetos inovadores, aprendam a trabalhar com ferramentas e máquinas operatrizes, discutam projetos de pesquisa que já existem e tentem elaborar soluções para algumas situações-problema.

A aula inicial do projeto mostrou as possibilidades que o trabalho pode alcançar e abordou as normas de segurança que devem ser seguidas para um trabalho seguro nas oficinas e nos laboratórios. Os alunos também tiveram contato com

algumas ferramentas de trabalho que passariam a usar, como alicate, chaves de fenda, martelo, furadeira, arco de serra, serra tico-tico, esquadro, morsa etc.

Numa das aulas, por exemplo, discutimos o naufrágio do Titanic, ocorrido em 1912, buscando entender os fatores agravantes e as possíveis estratégias que, se utilizadas, teriam evitado o acidente e, posteriormente, o naufrágio. Dados técnicos de máquinas, turbinas, manobras, sistemas de comunicação e resgate foram discutidos com o grupo, que também conheceu um aparelho de navegação chamado octante, pertencente ao Memorial do Colégio, idêntico ao que estava no Titanic.

Outra situação que nossos pesquisadores analisaram foi a eficiência do sistema de ventilação das salas de aula do Colégio e brevemente pretendem apresentar um

relatório técnico com algumas sugestões que melhorem essa condição. Vamos esperar para ver.

VISITAS EXPLORATÓRIAS

Além das aulas, o grupo tem feito visitas periódicas a um local de produção de conhecimento. Já foram ao Espaço Catavento, o museu de ciências que fica no Palácio das Indústrias, e ao Hopi Hari, onde conheceram os bastidores do parque de diversão e estudaram o funcionamento das montanhas-russas e de outras atrações, acompanhados de engenheiros do parque.

Você está convidado a verificar o projeto que nossos jovens cientistas vão desenvolver para a Feira do Conhecimento. Aguardem, muita coisa interessante promete vir desse projeto. ■

ANOTAÇÕES DE VIAGEM

Na primeira semana de julho, cinco educadores do Colégio São Luís estiveram na Espanha para participar do *I Simpósio Internacional Barcelona, Educação, Mudança*. O programa contemplou palestras, oficinas e visitas a três escolas inovadoras, duas das quais pertencem à Companhia de Jesus. A seguir, algumas anotações de viagem e de ideias registradas pelo orientador educacional do Ensino Médio, **Laurindo Cisotto**.



4 DE JULHO

Na abertura do simpósio, o delegado dos Jesuítas na Catalunha, Llorenç Puig, explicitou o compartilhamento de experiências como dever para com a sociedade e desejo de animar os outros. "O importante é fecundar ideias", ponderou.

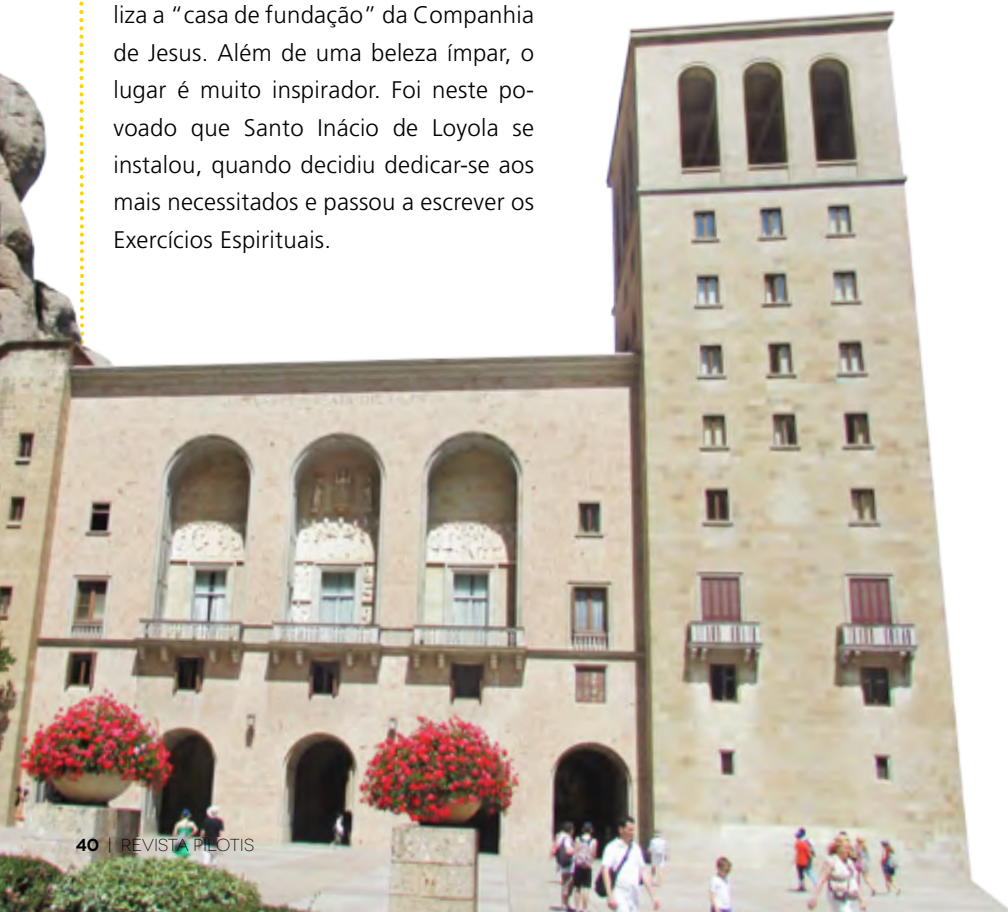
3 DE JULHO

Chegamos a Barcelona e fomos conhecer Manresa, cidade catalã onde se localiza a "casa de fundação" da Companhia de Jesus. Além de uma beleza ímpar, o lugar é muito inspirador. Foi neste povoado que Santo Inácio de Loyola se instalou, quando decidiu dedicar-se aos mais necessitados e passou a escrever os Exercícios Espirituais.



5 DE JULHO

Conhecemos a Escola Sadako, uma instituição laica de 49 anos, que atribui o seu segredo de sucesso ao trabalho em equipe. Alunos assumem a responsabilidade das funções atribuídas no desenvolvimento dos projetos e são instigados a fazer muitas perguntas (uma placa dizia: "É melhor que haja perguntas sem respostas do que respostas sem perguntas"). Entende-se que todos os espaços são de aprendizagem, isso inclui o pátio, o entorno da escola e a comunidade da qual se faz parte.



O grupo brasileiro: Fernando Guidini (Medianeira), Laurindo Cisotto, Suzana Braga (Medianeira), Sueli Marciale, Sônia Magalhães, Paulo Panzeri e Juliano Oliveira (Loyola).



6 DE JULHO

A escola jesuíta CASP – Sagrado Coração de Jesus foi fundada há 135 anos na área central de Barcelona e hoje educa 1800 alunos. Consolidou um modelo pedagógico na Educação Infantil que não separa os alunos por classe (essas foram reformadas e têm paredes de vidro), nem tem horários predefinidos de aulas e de recreio. Esse tempo flexível atende ao ritmo das crianças. A aprendizagem decorre do trabalho por projetos, tendo com pressupostos para a construção da proposta e da avaliação as perguntas: o que sabemos, o que queremos aprender, o que aprendemos, do que gostamos e o que podemos mudar. Entende-se, desse modo, que o currículo é construído.



7 DE JULHO

Visitamos o colégio Sant Gervasi, recentemente adquirido pelos Jesuítas, que vem passando por um processo de mudança no processo de ensino. O foco do projeto é transdisciplinar, com aprendizagem centrada na resolução de problemas. Geralmente a temática é proposta pelo professor, podendo o projeto ter a duração de uma ou três semanas – embora ao final de cada dia e de cada semana haja uma avaliação do que foi desenvolvido para nenhum conteúdo ficar para trás.

DE VOLTA AO CSL: DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR

POR PAULO PANZERI, COORDENADOR
DIMENSÃO CULTURAL DA HUMANÍSTICA

Na imersão em Barcelona, apesar da imediata adesão às propostas, tornou-se evidente a necessidade de repensar sua aplicabilidade em função de cada contexto educativo. Tomada alguma distância do evento e olhando-se para o futuro, três aspectos principais podem ser ressaltados: a coletividade, a intencionalidade e a metacognição.

A coletividade revela a falácia do heroísmo pedagógico. Afinal, para acontecer verdadeiramente, a mudança precisa ser construída na busca de acordos feitos pela comunidade educativa. Diretamente relacionada à coletividade está a intencionalidade, pois somente mediante escolhas conscientes e comprometidas é que se instaura uma cultura de avaliação e inovação consistente. O terceiro aspecto de relevância é a metacognição. A conquista de um espaço de aprendizagem que nega o modelo industrial (das carteiras enfileiradas e aulas de 45 minutos) forma um aluno que reflete sobre suas maneiras de produzir conhecimento e se torna autor de sua vida.

Para além dos modelos pedagógicos bem-sucedidos, a programação do evento reconfigurou o papel da gestão escolar. Ao salvaguardar todas as etapas participativas do processo de mudança, a gestão deve se diluir entre pares na busca por uma integração mais horizontal. Certamente, a maior contribuição do Simpósio foi ratificar a importância do fortalecimento de vínculos, reconhecendo-se a complexidade da educação.

FICOU SABENDO?

Nos últimos meses, os meios de comunicação do Colégio São Luís foram aprimorados, com o lançamento do aplicativo, do canal de ouvidoria e do novo site institucional. Mantivemos ainda nossa página de vídeos no YouTube e o acompanhamento do dia a dia da escola com notas no Facebook e fotos no Instagram. Siga-nos!

YOUTUBE



/tvsauluis



BATE-PAPO COM PE. JOSÉ ALBERTO MESA

MARÇO/2016

Em visita ao Colégio São Luís, o Secretário Mundial da Companhia de Jesus falou que a formação integral e humanística é a essência dos colégios jesuítas. "Só podemos educar se tocarmos o coração dos alunos", disse o Padre Mesa, que se reuniu com alunos e educadores.



LUCERNÁRIO DE PÁSCOA

MARÇO/2016

A Páscoa foi comemorada no Colégio São Luís com uma linda celebração no ginásio, em que todos os participantes acenderam uma vela e havia música ao vivo, com a Orquestra Acadêmica de São Paulo e o Coral da Paróquia São Luís Gonzaga. Muitas famílias prestigiaram o evento.

FACEBOOK



/colegiosaoluisjesuitas



COLÓQUIO JESUÍTA NOS EUA

JULHO/2016

Sônia Magalhães, diretora-geral do Colégio São Luís, falou sobre a formação de cidadãos globais no Colóquio Internacional de Escolas da Rede Jesuíta de Educação, realizado em Cincinnati, Ohio.



ANIVERSÁRIO DO CSL

MAIO/2016

Os 149 anos do Colégio São Luís foram comemorados com um animado parabéns cantado pelas crianças do Infantil e do Fundamental I, reunidas no ginásio.



CONVERSA SOBRE DROGAS

JUNHO/2016

Alunos da 3.ª série EM conversaram com o jornalista Jorge Tarquini, autor do livro *Vinte mil pedras no caminho - A história de um piloto de avião que se tornou morador da cracolândia*. Ele voltou ao Colégio depois para o Bate-papo Humanístico com os pais.

INSTAGRAM



/colegio_saoluis



ABRIL/2016

Preparação das canções para a celebração da coroação de Maria.



JULHO/2016

Nas férias, jovens se dedicaram a trabalhos voluntários na Missão Urbana.



JUNHO/2016

Campeonato de judô entre escolas e academias realizado no ginásio do Colégio São Luís.



ABRIL/2016

Apresentação da 3.ª série EM, batizada de "O Legado", alegrou o intervalo.

SITE



www.saoluis.org



CANTOS E CONTOS QUE VIERAM DA ÁFRICA

MARÇO/2016

Estudantes do 8.º ano conheceram o artista Toumani Kouyaté, de Burkina Faso, que falou sobre a tradição de um "Mestre da Palavra".



NA PELE DOS CAPITÃES DE AREIA

JUNHO/2016

Simulação de julgamento popular foi a proposta para trabalhar leitura obrigatória do vestibular, escrita por Jorge Amado.



VAMOS CONHECER A HISTÓRIA DOS LIVROS?

MAIO/2016

Projeto desenvolvido na biblioteca apresentou aos alunos do Infantil e do Fundamental I a origem do livro.



VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA

MAIO/2016

Estudantes de 3.ª série EM viajaram a Cordisburgo, Minas Gerais, terra natal do escritor de *Sagarana*, obra que os alunos leram.



O QUE CIRCULA PELO WHATSAPP



POR CARINA DINIZ,
DA OUVIDORIA

A tradicional conversa no portão da escola agora acontece a todo e qualquer momento, por meio de grupos de *WhatsApp*, que reúnem os pais de alunos. Na maioria dos casos, facilitam a organização da rotina das crianças e promovem a amizade entre as famílias. A rede costuma ser utilizada para compartilhar fotos de eventos, enviar convites, confirmar presença em festinhas e combinar passeios ou caronas. Algumas vezes, porém, ela pode criar situações de constrangimento, entendimentos equivocados e até mesmo discussões. Nesse ambiente virtual de convivência, assim como em qualquer outro em que nos relacionamos, os julgamentos, as análises precipitadas e as opiniões pessoais devem ceder lugar sempre ao diálogo, à tolerância e ao respeito. Por isso, reunimos algumas recomendações para juntos refletirmos sobre como ficar apenas com os benefícios dessa tecnologia.

- Colocar-se no lugar do outro é o primeiro passo para um bom relacionamento. Além disso, respeitar a privacidade é algo importante nas relações virtuais, pois o compartilhamento de assuntos particulares pode gerar sérias chateações, ainda mais tratando-se de crianças.
- Informar o Colégio o quanto antes sobre ocorrências com o seu filho possibilita que se tomem providências necessárias. Quando ele adoecer, por exemplo, é comum avisar as mães dos outros alunos da sala pelo *WhatsApp*, mas lembre-se sempre de comunicar a escola.
- Analisar as informações que recebemos antes de comentar e checar antes de compartilhar são duas atitudes fundamentais para evitar confusões. Além disso, piadas, correntes, política e futebol não cabem em um grupo grande e com pouca intimidade.

- Incentivar seu filho a assumir as responsabilidades dele faz parte da criação de autonomia e comprometimento. Quando ele perder algum conteúdo, não busque no *WhatsApp* informações sobre provas ou tarefas no lugar dele.
- Por fim, todos sabemos como é importante priorizar o diálogo. Assim, quando tiver dúvidas ou reclamações sobre o Colégio, venha buscar esclarecimento na escola. O Colégio São Luís criou a Ouvidoria, um canal específico para garantir o atendimento das famílias e o apoio à diretoria na identificação de melhorias. Estamos aqui para escutar o que você tem a dizer. ✓✓

CONTATOS DA OUVIDORIA

De segunda a sexta, das 8h às 17h,
(11) 3138-9744 ou ouvidoria@saoluis.org





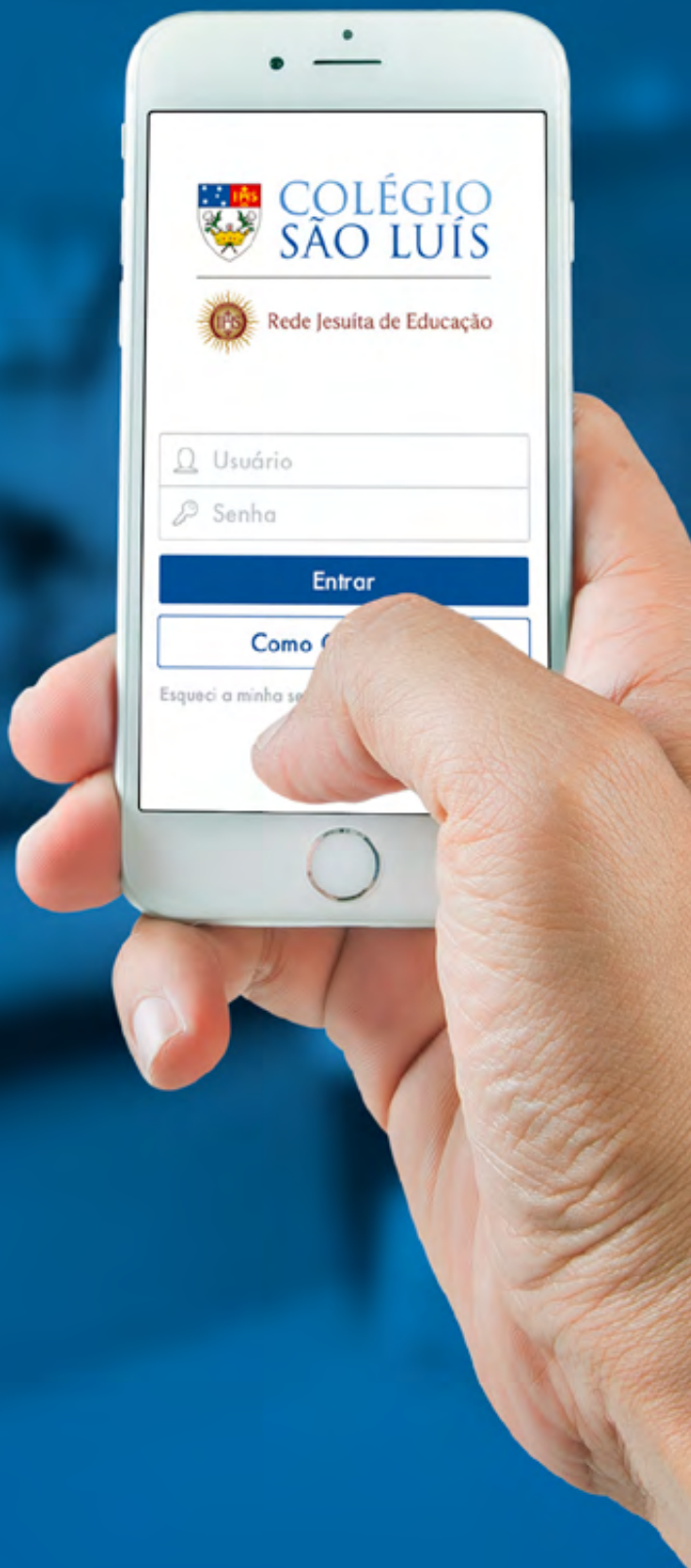
TODAS AS INFORMAÇÕES DO COLÉGIO **NA PALMA DA SUA MÃO**

*Baixe o aplicativo e garanta
a comunicação com a escola
de forma eficiente e segura.*

Baixe nas lojas:



Saiba mais:



www.saoluis.org



Processo de Ingresso para novos alunos 2017

DIURNO

22 de junho a
20 de setembro

NOTURNO

15 de julho a
02 de setembro

Faça sua inscrição online.
Confira o edital.

Excelência na educação de pessoas
criativas, conscientes, compassivas, competentes e comprometidas



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação